

tradere #15

Maio 2009  Selecção de Textos & Composição Gráfica Daniel Curval  Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim

DESEMPACOTANDO A MINHA BIBLIOTECA

Ich packe meine Bibliothek aus

[1931]

WALTER BENJAMIN

Tradução de João Barrento
Edições Assírio e Alvim, 2004

Uma palestra sobre o coleccionador

Estou a desempacotar a minha biblioteca. É verdade, os livros ainda não estão nas prateleiras, não os envolve ainda o tédio silencioso da ordem. Não posso também caminhar ao longo das suas fileiras para os passar em revista em presença de um auditório benevolente. Não tendes de temer nada disso. Peço-vos apenas que me acompanhem nesta desordem de caixotes abertos, no ar cheio de pó de madeira, no chão cheio de papéis rasgados, sob as pilhas de livros que acabaram de ver de novo a luz do dia depois de dois anos de escuridão, para partilharem um pouco comigo o estado de espírito, nada elegíaco, antes tenso, que eles despertam num autêntico coleccionador. É, de facto, alguém desta estirpe que vos fala, e, no fundo, vos fala só de si. Não seria presunção insistir aqui numa pretensa objectividade, enumerando-vos as peças ou as secções mais importantes de uma biblioteca, ou a história da sua génese, ou mesmo a sua

utilidade para um escritor? As palavras que se seguem têm, de qualquer modo, a intenção de vos revelar algo de menos oculto, de mais palpável: o que me move é dar-vos uma ideia da relação de um coleccionador com as peças da sua colecção, uma perspectiva da actividade de coleccionar, mais do que de uma colecção. Faço-o, de modo arbitrário, reflectindo sobre os diversos modos de adquirir livros. Esta decisão, ou qualquer outra, é apenas um dique contra a maré das recordações que avança na direcção de qualquer coleccionador que se ocupa do que adquiriu. Toda a paixão está próxima do caos, mas a de coleccionar confina com o das recordações. Mas direi mais ainda: o acaso, o destino, que tingem o passado diante dos meus olhos, estão também presentes na desordem familiar destes livros. De facto, o que é esta colecção senão uma desordem na qual o hábito se instalou de tal modo que ela pode apresentar-se como ordem? Já ouviram falar de pessoas que adoecem pela perda dos seus livros, e de outras que para os adquirir se tornam criminosos. Nestes domínios, toda a ordem mais não é do

que um estado periclitante à beira de um abismo.

«O único conhecimento exacto que existe», disse Anatole France, «é o do ano de publicação e do formato dos livros.» De facto, se existe um contraponto para a desordem de uma biblioteca, é o da ordem do seu inventário.

Assim, a existência do coleccionador assenta numa tensão dialéctica entre os pólos da desordem e da ordem.

Mas, naturalmente, está ligada a muitas outras coisas. A uma relação muito enigmática com a propriedade, sobre a qual ainda direi mais. Depois, a uma relação com as coisas que não coloca em primeiro plano o seu valor funcional, portanto a sua utilidade, mas as estuda e ama enquanto palco, teatro do seu próprio destino. O mais profundo encantamento do coleccionador é o de fechar a peça individual num círculo mágico em que ela, enquanto é atravessada por um último calafrio - o da sua aquisição -, fica petrificada. Tudo o que é recordação, pensamento, consciência, se torna pódio, moldura, pedestal, fecho da sua propriedade. A época, a região, a manufatura, o proprietário anterior - tudo isto se transforma para o verdadeiro coleccionador, em cada uma das suas peças, numa enciclopédia mágica cuja quinta-essência é o destino do seu objecto.

Aqui, neste campo estreito, é possível começar a conjecturar como os coleccionadores, como os grandes fisionomistas - e os coleccionadores são os fisionomistas do mundo das coisas — se tornam intérpretes do destino. Basta observar como um coleccionador manipula os objectos na sua vitrina. Mal lhes pega, sente-se logo inspirado para olhar através deles para a distância de onde vêm. Encerremos este lado mágico do coleccionador, do seu retrato-quando-velho, poderia dizer-se. *Habent sua fata libelli*: talvez esta expressão tenha sido pensada como uma proposição geral sobre os *livros*.

Os livros, como *A Divina Comédia*, a *Ética* de Espinosa ou *A Origem das Espécies*, têm o seu destino. O coleccionador, porém, interpreta diferentemente esta máxima latina. Para ele, não são os livros, mas os *exemplares*, que têm um destino. E para ele, o mais relevante destino de um exemplar é o seu encontro com ele, com o coleccionador e a sua colecção. Não exagero quando digo que para um coleccionador a aquisição de um livro antigo significa o seu renascimento. É nisso que consiste o lado

infantil que no coleccionador se encontra com o senil. As crianças têm a capacidade de renovar a existência graças a uma prática múltipla e nunca complicada. Nelas, nas crianças, o coleccionar é apenas *um* processo de renovação; outros são o de pintar os objectos, de recortar, de decalcar, e toda a escala dos modos de apropriação das crianças, do tocar até ao nomear. Renovar o mundo velho - é este o impulso mais enraizado na vontade do coleccionador de adquirir peças novas, e por isso o coleccionador de livros antigos está mais perto da fonte do coleccionar do que os que se interessam por reimpressões bibliófilas. Algumas palavras agora sobre o modo como os livros ultrapassam o limiar de uma colecção, como passam a ser propriedade de um coleccionador, em resumo, sobre a história da sua aquisição.

De todas as formas de obter livros, a que se considera mais louvável é escrevê-los. Alguns de vós estarão a pensar, divertidos, na grande biblioteca que o mestre-escola Wuz de Jean Paul foi acumulando com o tempo, recorrendo ao expediente de escrever ele próprio todas as obras cujos títulos lhe interessavam nos catálogos das feiras, mas que ele não podia comprar. Os escritores são de facto pessoas que escrevem livros, não por pobreza, mas por insatisfação com os livros que poderiam comprar, mas não lhes agradam. Direis, minhas senhoras e meus senhores, que se trata de uma definição bizarra do escritor. Mas bizarro é tudo aquilo que se diz a partir do ponto de vista de um autêntico coleccionador. Entre os modos de aquisição mais correntes, o mais conveniente para o coleccionador seria o de os pedir emprestados, sem depois os devolver.

Os grandes especialistas em pedir livros emprestados, que estamos a considerar, revela ser um inveterado coleccionador de livros, não tanto pelo fervor com que guarda o seu tesouro emprestado, fazendo orelhas moucas a todas as advertências da legalidade corrente, mas muito mais porque também ele não lê esses livros.

Se quiserem acreditar na minha experiência, digo-vos que muita gente me devolveu livros emprestados, mas muito poucos os leram. E isso de não ler os livros, perguntarão, é uma característica do coleccionador?

Só se for de agora.

Não, os especialistas confirmar-vos-ão que é uma das coisas mais velhas do mundo. Lembro aqui apenas a resposta que novamente Anatole

France tinha na ponta da língua para dar ao idiota que admirava a sua biblioteca, terminando com a pergunta obrigatória: «E o senhor leu tudo isto, senhor France?» - «Nem a décima parte! Ou será que o senhor come todos os dias no seu serviço de Sèvres?»

Tirei, aliás, a contraprova da legitimidade deste tipo de atitude. Durante anos - durante mais de um terço da sua existência -, a minha biblioteca não consistiu em mais que duas ou três fileiras de livros que cresciam anualmente apenas alguns centímetros. Foi o seu período marcial, em que nenhum livro nela podia entrar sem que eu lhe soubesse a senha, sem que o tivesse lido. Talvez eu nunca tivesse chegado a reunir aquilo a que se pode chamar uma biblioteca sem a inflação, que de repente veio alterar o valor das coisas e transformar os livros em objectos de valor, ou pelo menos difíceis de obter. Pelo menos, era assim que as coisas se me apresentavam na Suíça. E foi de facto aí que fiz, à última hora, as minhas maiores encomendas de livros, pondo a salvo coisas tão insubstituíveis como *Der Blaue Reiter* ou *Die Sage von Tanaqui*¹, de Bachofen, que nessa altura ainda se podiam arranjar no editor. Agora, pensareis que, depois de tantos desvios, já é altura de enveredar pela estrada larga da aquisição de livros, a da compra. É com certeza uma estrada larga, mas nada cómoda. A compra do coleccionador tem muito pouco a ver com as que fazem numa livraria um estudante, quando precisa de um compêndio, um homem do mundo, quando quer dar um presente à sua dama, ou um viajante, para encurtar a próxima viagem de comboio. As minhas compras mais memoráveis fi-las em viagem, como transeunte. A propriedade e o ter subordinam-se à tática. Os coleccionadores são pessoas com instinto tático; a sua experiência diz-lhes que, ao tomarem de assalto uma cidade, o mais pequeno alfarrabista pode ser um forte, a papelaria mais fora de mão uma posição-chave. Quantas cidades não se me abriram nas caminhadas que fiz em busca de livros!

Não tenho dúvidas de que apenas uma pequena parcela das aquisições mais importantes se faz na livraria. Os catálogos desempenham um papel muito mais relevante. E ainda que o comprador conheça muito bem o livro que encomenda por catálogo, o exemplar é sempre uma surpresa e na encomenda há sempre uma ponta de acaso. Acontecem, a par

de dolorosas desilusões, os achados mais felizes. Lembro-me, por exemplo, de um dia ter encomendado um livro com ilustrações coloridas para a minha colecção de livros infantis antigos, só porque ele continha contos de Albert Ludwig Grimm e tinha sido editado em Grimma, na Turíngia. Precisamente de Grimma procedia um livro de fábulas editado por esse mesmo Albert Ludwig Grimm. E o exemplar que eu possuía, com as suas dezasseis ilustrações, era o único testemunho preservado do grande ilustrador alemão Lyser, que viveu em Hamburgo em meados do século passado. Ora, a minha reacção à coincidência dos nomes fora muito exacta. Também neste livro descobri trabalhos de Lyser, precisamente uma obra - *Linas Märchen-buch* [O Livro de Contos de Lina] - desconhecida de todos os seus bibliógrafos, e que merece uma referência explícita como esta, que é a primeira.

A compra de livros não se resume a uma questão de dinheiro ou de conhecimento especializado. Nem mesmo as duas coisas juntas bastam para fundar uma biblioteca, que tem sempre, ao mesmo tempo, alguma coisa de misterioso e de inconfundível. Quem compra por catálogo, tem de ter, para além disso, um faro muito apurado. Datas, nomes de lugares, formatos, donos anteriores, encadernação, etc., tudo isto tem de lhe dizer alguma coisa, e não apenas enquanto factos isolados e áridos; estas coisas têm de se harmonizar, e é pela harmonização e pela precisão da convergência de elementos que ele tem de saber reconhecer se tal livro lhe convém ou não. Já um leilão exige do coleccionador capacidades totalmente diferentes. Para o leitor de um catálogo, o que deve contar é o livro em si, e eventualmente o seu anterior proprietário, se for indicada a proveniência do exemplar. Quem quiser intervir num leilão, terá de dividir a sua atenção, em partes iguais, pelo livro e pelos concorrentes, e ainda manter a cabeça fria, para - como acontece tantas vezes - não se deixar levar pela luta com a concorrência e acabar na situação de ter de pagar um preço de arrematação demasiado alto, porque fez a sua oferta mais para afirmar uma posição do que por interesse pelo livro. Por outro lado, uma das recordações mais belas do coleccionador é a daqueles momentos em que saiu em defesa de um livro em que nunca tinha pensado nem tinha desejado,

porque ele estava tão abandonado e sozinho numa venda pública, e ele o comprou, como o príncipe fez com a bela escrava nos *Contos das Mil e Uma Noites*, para o libertar. E que para o colecionador de livros a verdadeira liberdade de qualquer livro encontra-se algures nas suas estantes. Ainda hoje *La peau de chagrin*, de Balzac, se ergue, entre longas fileiras de livros franceses, como monumento da minha mais excitante experiência num leilão. Foi em 1915, no leilão Rümman, organizado por Emil Hirsch, um dos maiores conhecedores de livros e ao mesmo tempo um dos mais distintos comerciantes. A edição em questão foi publicada em 1838 em Paris, na Place de la Bourse. Ao pegar no meu exemplar, vejo não apenas o número da colecção de Rümman, mas até a etiqueta da livraria onde, há mais de noventa anos, o primeiro dono o comprou por um preço cerca de oitenta vezes inferior ao de hoje. Na etiqueta lê-se: Papeterie I. Flanneau. Belos tempos aqueles, em que se podia comprar numa papelaria uma edição de luxo como esta - as gravuras foram concebidas pelo maior desenhador francês e executadas pelos maiores gravadores. Mas o que eu queria contar era a história da aquisição do livro. Fora à loja de Emil Hirsch para ver as obras antes do leilão, tive nas mãos quarenta ou cinquenta livros, e este com o desejo ardente de nunca mais o largar. Chegou o dia do leilão. Por um acaso, a ordem da venda incluía, imediatamente antes deste exemplar de *La peau de chagrin*, a série completa das gravuras numa tiragem separada em papel da China. Os adjudicatários estavam sentados a uma mesa comprida; em linha oblíqua à minha frente, o homem que nas ofertas que se seguiram concentrou sobre si todos os olhares; o célebre colecionador de Munique, barão von Simolin. Interessava-lhe aquela série, tinha concorrentes, em suma, houve uma luta acérrima cujo resultado foi o mais alto preço de todo o leilão, uma soma de mais de 3000 Reichsmark. Ninguém parecia contar com uma soma tão alta, e uma agitação passou por todos os presentes. Emil Hirsch não deu muita atenção a isso, e, ou para poupar tempo, ou por qualquer outro motivo, passou ao número seguinte no meio da desatenção geral. Anunciou o preço, eu ofereci um pouco mais, com o coração acelerado e com a plena consciência de não poder concorrer com nenhum dos grandes colecionadores presentes.

Sem chamar a atenção da assistência, o leiloeiro passou à arrematação, com a costumeira fórmula «Ninguém dá mais?» e as três pancadas - que a mim me pareceram separadas por intervalos de uma eternidade. Para um estudante como eu, a soma era ainda bastante elevada. E a manhã seguinte na casa de penhores já não faz parte desta história. Em vez disso, prefiro falar de um acontecimento que vejo como o negativo de um leilão. Foi no ano passado, num leilão em Berlim. O catálogo oferecia uma série de livros, muito desiguais em qualidade e temas, entre os quais se encontravam algumas obras dignas de nota, sobre ocultismo e filosofia natural. Fiz as minhas ofertas para algumas delas, mas reparei num senhor que, nas primeiras filas, esperava apenas pela minha oferta para cobri-la com a sua, e sem limite. Depois de ter repetido esta experiência várias vezes, perdi toda a esperança na aquisição do livro que mais me interessava. Eram os raros *Fragmente aus dem Nachlasse eines jungen Physikers* [Fragmentos Póstumos de um Jovem Físico], que Johann Wilhelm Ritter publicou em Heidelberg em 1810, numa edição em dois tomos.

A obra nunca mais foi reimpressa, mas o preâmbulo, em que o autor-editor evoca o amigo anónimo supostamente falecido - que não é senão ele próprio -, fazendo o relato da sua própria vida, é para mim uma das mais significativas peças de prosa pessoal do Romantismo alemão.

No momento em que o leiloeiro anunciou o número desta obra, veio-me uma inspiração. Era bastante simples: uma vez que a minha oferta iria infalivelmente permitir ao outro ficar com este número, o que eu tinha a fazer era evitar a oferta. Dominei-me, e fiquei calado. O que eu esperara aconteceu: nenhum interesse, nenhum lance, o livro foi retirado. Achei que seria sensato deixar passar ainda alguns dias. E de facto, quando, ao fim de uma semana, voltei ao alfarrabista, lá estava o livro. A falta de interesse por ele acabou por reverter em meu proveito.

Quantas coisas não voltam à memória quando nos aventuramos na montanha de caixas, para retirar dela os livros no nosso trabalho diurno, ou melhor, nocturno. Nada torna mais evidente o fascínio de desempacotar do que a dificuldade de dar por terminada a

tarefa. Tinha começado ao meio-dia, e já era meia-noite quando decidi atirar-me às duas últimas caixas. Mas nesta ponta final caíram-me nas mãos dois volumes cartonados, já desbotados, que, em rigor, não deviam estar numa caixa com livros: dois álbuns com vinhetas que a minha mãe tinha colado em criança, e que eu herdei. São as sementes de uma colecção de livros infantis que continua a crescer, ainda que já não no meu jardim.

Não há biblioteca viva que não albergue um certo número de criaturas livrescas provenientes de zonas-limite. Não têm de ser álbuns de vinhetas ou de família, nem autógrafos ou encadernações com pandectas ou textos edificantes: alguns terão mais propensão para folhas volantes e prospectos, outros para *facsimiles* de manuscritos ou dactiloscritos de livros inacessíveis; e as revistas podem também, por maioria de razões, constituir as margens prismáticas de uma colecção. Mas, para voltar aos álbuns referidos: uma herança é a maneira mais segura de formar uma colecção. A atitude do coleccionador em relação às peças que possui vem do sentimento de responsabilidade do dono para com os objectos que possui. É, pois, no sentido mais elevado, a atitude do herdeiro. O título de glória de uma colecção será sempre o da sua hereditariedade. Ao dizer isto, tenho plena consciência - e é bom que o saibam - de que a revelação que vim fazendo do mundo mental implícito no acto de coleccionar reforçará em muitos de vós a convicção do carácter intempestivo desta paixão e a desconfiança em relação ao tipo humano do coleccionador. Longe de mim querer abalar-vos nas vossas convicções e na vossa desconfiança. Só quero deixar mais uma nota: o fenómeno do coleccionar perde o seu sentido logo que perde o seu sujeito. Se as colecções públicas podem ser vistas como menos chocantes pelo lado social e mais úteis pelo lado científico do que as privadas, o facto é que só nestas os objectos têm a sua razão de ser. De resto, sei que, para o tipo de pessoa de que vos falei e que eu próprio, um pouco *ex officio*, represento, começou já a cair a noite. Mas, como diz Hegel: a coruja de Minerva só inicia o seu voo ao cair da noite.. Só quando se extingue, o coleccionador será compreendido.

Entretanto, estou diante da última caixa, meio vazia, e já passa muito da meia-

noite. Afluem outros pensamentos, diferentes daqueles de que falei. Pensamentos, não: imagens, memórias. Recordações das cidades em que encontrei tanta coisa: Riga, Nápoles, Munique, Danzig, Moscovo, Florença, Basileia, Paris; recordações das sumptuosas salas de Rosenthal em Munique, da «Stockturm» (Torre dos Brasões) de Danzig, onde vivia o falecido Hans Rhaue, da cave cheia de livros e de mofo de SüBengut, em Berlim Norte; recordações dos quartos onde tinha esses livros, do meu alojamento de estudante em Munique, do meu quarto em Berna, da solidão de Iseltwald no Lago de Brienz, e finalmente o meu quarto de criança, de onde provêm apenas quatro ou cinco dos muitos milhares de livros que começam a avolumar-se à minha volta. Sorte do coleccionador, sorte do particular! Nunca ninguém procurou menos por detrás de alguém, e ninguém se sentiu tão bem nesse papel como aquele que pôde continuar a sua existência desacreditada atrás da máscara de Spitzweg². Na verdade, no seu interior alojaram-se espíritos, pelo menos geniozinhos que levam a que, para o coleccionador - falo do autêntico, do coleccionador como deve ser -, a posse seja a mais profunda forma de relação que se pode ter com as coisas: não por elas estarem vivas nele, mas porque é ele mesmo quem vive nelas. O que fiz foi levantar diante dos vossos olhos uma das suas moradas, cujos tijolos são livros. E agora, como convém, o coleccionador vai desaparecer dentro dela.

¹ *Der Blaue Reiter* [O Cavaleiro Azul]: o almanaque do grupo de artistas de Munique com o mesmo nome, organizado por Kandinsky e Franz Marc em 1912. *A Lenda de Tanaquil* é uma narrativa de Johann Jakob Bachofen, publicada em Heidelberg em 1870, Benjamin escreveu um ensaio sobre Bachofen.

² Carl Spitzweg (1805-1885): pintor do «Realismo burguês» alemão. A alusão de Benjamin remete para um dos seus quadros mais conhecidos, «Der Bücherwurm» [O bibliómano], de cerca de 1850.

